



Jornalismo Opinativo e as Narrativas da Miséria: a Influência de Henfil na Percepção da Desigualdade Social no Brasil da Década de 1970¹

Hila RODRIGUES²

Jamylle MOL³

Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, Minas Gerais

RESUMO

Esse artigo apresenta uma incursão no universo dos cartuns, avaliando o papel deste gênero opinativo na concepção do jornalismo socialmente engajado, capaz de intervir na realidade e alterar cenários específicos. Analisa-se parte da obra do cartunista Henrique de Souza Filho, o Henfil, com ênfase nos personagens que constituem *A Turma da Caatinga*. A proposta é identificar a forma com que enquadramentos singulares, como o de Henfil, podem interferir na construção de cenários socioeconômicos, políticos e culturais. Para isso, pretende-se demonstrar como o trabalho do cartunista contribuiu para modificar o contexto da década de 1970 no Brasil, ao incluir problemas sociais, políticos e econômicos na agenda pública, a partir de abordagens específicas da miséria e da desigualdade social.

PALAVRAS-CHAVE: Cartum; Enquadramento; Narrativas; Jornalismo Opinativo; Política.

1- Introdução

A década de 1970 no Brasil foi marcada pelas contradições políticas, econômicas e sociais do regime militar e, ainda, pelas modificações culturais que inauguraram uma nova era de costumes, de produções artísticas e intelectuais. Junto a isso, o período caracterizou-se pela resistência ao poder ditatorial, pela luta rumo à redemocratização e pela busca por melhorias que amenizassem o quadro de desigualdade enfrentado pela população brasileira. Foi nessa época que Chico Buarque deu voz à composição de Luis Reis e Haroldo Barbosa, ao cantar que “*a dor da gente*

¹ Trabalho apresentado no Intercom Júnior (IJ 1) – do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 28 a 30 de junho de 2012.

² Orientadora do Trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, email: hilarodrigues@hotmail.com

³ Estudante de Graduação – 5º semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, email: jamyllemol@hotmail.com



não sai no jornal”⁴. Assim, a proposta desse artigo é analisar parte da obra do cartunista Henrique de Souza Filho, o Henfil, que, ao contrário do que diz a canção, conseguiu traduzir as dores da gente brasileira da década de 1970 através da sua atividade jornalística.

Com seus quadrinhos, principalmente os que tinham como personagens *A Turma da Caatinga*, Henfil escancarou, nos jornais, os problemas sociais que afligiam a parcela mais pobre da população. Dessa forma, questionou todo um passado histórico do Brasil, e, ainda, a persistente desigualdade entre as classes sociais. Pela ação de Henfil, a miséria, o analfabetismo, a mortalidade infantil e o descaso político em relação à região nordeste do país ganharam as páginas de alguns dos principais jornais da época e, logo, tornaram-se problemas de conhecimento público.

Por tudo isso, a partir da análise do trabalho de Henfil, pretende-se discutir o potencial do jornalismo de intervir na realidade e em seus cenários diversos. O objetivo, assim, é demonstrar como os enquadramentos adotados pelos jornalistas influenciam a percepção que a audiência terá da realidade que a envolve, considerando que esses enquadramentos refletem a escolha do que será e do que não será enfatizado na notícia veiculada pela imprensa. Propõe-se, ainda, relacionar a construção do enquadramento às experiências pessoais do jornalista, ao considerar que a trajetória individual – e, portanto, singular – de um profissional é fator decisivo para a sua formação.

O jornalista está a serviço público e, por isso, tem sua atuação intimamente relacionada à sociedade e ao dia a dia dos indivíduos que a compõem. Por ser capaz de incluir as demandas sociais na agenda pública, o jornalismo detém o caráter de transformador social, ou seja, é um instrumento que contribui “para construir a comunidade, a cidadania, a democracia” e, mais que isso, “funciona como um guardião, tira as pessoas da letargia e oferece uma voz aos esquecidos”. (KOVACH; ROSENSTIEL, 2003, p.29).

A proposta desse artigo, portanto, é avaliar essa característica do jornalismo através do cartum – especificamente através do cartum produzido por Henfil – e demonstrar de que forma o trabalho do cartunista contribuiu para alterar a percepção dos brasileiros diante da realidade da década de 1970 no Brasil.

2- Cartum como gênero jornalístico e seu potencial de intervenção social

⁴ Trecho da música “Notícia de Jornal”, composta por Luis Reis e Haroldo Barboza, que integrou o Álbum “Chico Buarque e Maria Bethânia”, lançado em 1975 pela Universal Music Brasil.



Os primeiros jornais impressos surgiram no início do século XVII, na Inglaterra. Desde então, com o aprimoramento das teorias sobre opinião pública e com a evolução dos periódicos, a forma de produzir notícia passou por significativas modificações. Os veículos jornalísticos adquiriram caráter de utilidade pública e passaram a exercer a função principal de garantir a manutenção dos direitos e deveres dos cidadãos comuns, além de fiscalizar as ações do governo. Aos jornalistas, coube a responsabilidade de traduzir para a sociedade os fatos considerados interesse público e, dessa forma, “fornecer aos cidadãos as informações de que necessitam para serem livres e se autogovernar” (KOVACH; ROSENSTIEL, 2003, p. 31).

Ao desenvolver, na prática, essa função, os jornalistas interferem nos diversos cenários que os envolvem, abrindo caminho para mudanças muitas vezes necessárias e, em alguns casos, levando os indivíduos a lutarem por essas modificações. O jornalismo, portanto, quando fundamentado no interesse público, coletivo e social, pode se transformar em instrumento de intervenção capaz de modificar a realidade.

Essa concepção da atividade jornalística norteou o trabalho de Henfil que, através dos cartuns – ou das histórias em quadrinhos – tornou públicas questões relativas à miséria e à desigualdade social que assolavam o Brasil na década de 1970. “Então eu acho, por exemplo, que o meu cargo é serviço público. Quando eu vou trabalhar em um jornal, o jornal é serviço público, televisão é um serviço público. Então, eu estou a serviço do público” (HENFIL, 2009).

Para entender a atividade de Henfil como jornalista, é preciso considerar que os cartuns são um gênero do jornalismo opinativo e, como tal, têm como propósito “contar uma história com uma finalidade” (KOVACH; ROSENSTIEL, 2003, p. 226). Além disso, deve-se ater ao fato de que essa “história” é produzida a partir de um levantamento de dados e, sobretudo, de uma análise sistemática do contexto sociopolítico em que é produzida. O jornalismo opinativo, assim como os outros gêneros jornalísticos, “depende diretamente da eclosão e evolução dos acontecimentos e da relação que os mediadores profissionais (jornalistas) estabelecem com seus protagonistas (personalidades ou organizações)” (MELO, 2003, p.65).

Usualmente, antes de elaborar um cartum, o profissional inteira-se das notícias e fatos que chegam à redação do jornal, ou seja, é a realidade do dia que pauta a mensagem gráfica que será veiculada, como ressalta Denis de Moraes, que se ocupou durante anos da biografia de Henfil.



Na corrida contra o relógio, [Henfil] chegava à redação depois do almoço, lia compulsivamente os jornais e – hábito que conservaria para sempre – marcava as notícias passíveis de gerarem ilustrações. Fazia e refazia os desenhos, enchendo as cestas de lixo de bolas de papel amassado. Pelas cinco horas da tarde, os cartuns estavam praticamente finalizados. Antes das seis, entregava-os à editoria. (MORAES, 1997, p. 65)

A narrativa singular dos quadrinhos, que une linguagens verbal e não verbal, traduz toda uma realidade, sempre “em sintonia com o seu tempo” (TEIXEIRA; CORREA, 2009, p.8). Reflete, desta maneira, a idéia de que “uma história carrega seu país dentro dela” (MEDINA *apud* PEREIRA, 2006, p.144). O conteúdo presente nos desenhos de Henfil, portanto, carrega em si parte da realidade do Brasil da década de 1970.

3- O contexto dos cartuns: a década de 1970

Os anos 1970 no Brasil foram marcados pelas modificações políticas e culturais iniciadas ao longo da década de 1960 em diversas partes do mundo – com destaque para as manifestações estudantis na França, em maio de 1968 – refletindo uma espécie de revolução comportamental. Práticas ditatoriais como a censura à mídia, repressão, tortura aos integrantes dos “focos subversivos” (GEISEL, 1997, p.365) e a declaração dos atos institucionais que ampliavam o poder militar coexistiam com o desenvolvimento de ações libertárias observadas no âmbito do sindicalismo, do movimento estudantil e da imprensa alternativa. No campo socioeconômico, por sua vez, o Brasil vivia o paradoxo estabelecido pela euforia do milagre econômico de um lado e, de outro, a desigualdade social eminente entre as regiões do país. “Vivíamos o ‘milagre’ econômico, a alienação popular, o ‘ame ou deixe-o’, a Copa de 1970” (IAVELBERG *apud* PATARRA, 1992, p.386).

Além de retratar o contexto histórico da década de 1970, o trabalho de Henfil foi intimamente influenciado por esse período, até porque “o dizer do homem é afetado pelo sistema de significação em que o indivíduo se inscreve” (BENETTI, 2008, p.108). No entanto, a forma singular de ver o mundo – que orienta a obra de Henfil – deve-se também à trajetória pessoal do cartunista, já que essa trajetória individual norteia a maneira escolhida pelo jornalista para contar uma história, como observa Pereira (2006).

Como escreve Nelson Traquina, amparado numa afirmação de Robert Manoff feita nos anos 80, a escolha da narrativa feita pelo jornalista nunca é inteiramente livre. Sua escolha é orientada: pela aparência que a realidade



assume à sua frente; pelas convenções que moldam sua percepção e fornecem o repertório formal para a apresentação dos acontecimentos; pelas instituições e rotinas de trabalho (PEREIRA, 2006, p.147).

Assim, para compreender a atividade de Henfil como jornalista, é preciso considerar os fatores que contribuíram para a sua formação pessoal e que, de alguma forma, influenciaram o modo com que o cartunista percebeu a realidade e portou-se diante dela.

4- A vida de Henfil: influência da trajetória pessoal na formação do jornalista

Henfil nasceu em 5 de fevereiro de 1944, na cidade de Nossa Senhora do Ribeirão das Neves, próximo a Belo Horizonte. A família, composta por oito irmãos, foi marcada por uma uma rígida educação católica. Como seus dois irmãos, o músico Francisco Mário (Chico Mário) e o sociólogo Herbert de Souza (Betinho), Henfil era hemofílico. A hemofilia foi um dos fatores que mais contribuiu para a forma de encarar o mundo do cartunista. A doença e, mais que isso, a presença iminente da morte fez com que Henfil desenvolvesse uma sensibilidade especial em relação ao futuro, uma capacidade extraordinária de prever situações, um sentimento de urgência e uma inquietude em relação ao presente. Em grande parte da obra de Henfil, é possível perceber a presença desses elementos na produção dos cartuns.

Então acho que qualquer outra explicação sobre por que saí por onde saí e faço o que faço da maneira que faço tem que passar por entender isto: a morte, o sentimento de urgência e a sensibilidade ultradesenvolvida pra se proteger da morte. (...) Então, quando vou desenhar, vou criar, a minha percepção das pessoas me parece mais disciplinada que a de qualquer outro artista (HENFIL, 2002, p.31).

Henfil iniciou sua carreira como cartunista em 1964, na revista *Alterosa*, em Belo Horizonte. Desde então, seu trabalho esteve presente em grandes veículos de circulação nacional, como o *Jornal do Brasil*, o *Jornal dos Sports*, *Jornal da Tarde*, *Correio da Manhã*, *Intervalo* e as revistas *Isto é!*, *Realidade*, *Visão*, *Placar* e *O cruzeiro*. Além dessas publicações, Henfil integrou a “patota” – expressão recorrente na época – que criou o jornal *O Pasquim*, um importante instrumento da imprensa alternativa no processo de resistência à ditadura e na luta pela redemocratização. Henfil publicou também as revistas *Fradim* –compostas pelas histórias dos seus personagens



mais conhecidos, os fradinhos *Baixim* e *Cumprido* – e os integrantes de *A Turma da Caatinga*, que são a *Graúna*, o *Zeferino* e o *Bode Orelana*, além do *Orelhão*.

Mais que pelo traço característico do seu desenho, o trabalho de Henfil marcou-se pelo jornalismo socialmente engajado, pela crítica social, política e cultural. “Não nasci no berço das artes gráficas. Nasci no berço da guerra social. Entendeu isto, entendeu meu comportamento. Tudo mais é cosmético, acessório” (HENFIL, 1988, p.109).

Essa forma de ver e traduzir a realidade brasileira adotada por Henfil resultou em um enquadramento singular, perceptível em todas as suas produções – gráficas e textuais. Talvez um bom caminho para compreender o trabalho de Henfil seja a análise dos tipos de enquadramento adotados pelo cartunista. Afinal, como ressalta Márcia Benetti (2008), “o fato de o discurso ser construído de forma intersubjetiva exige compreendê-lo como histórico e subordinado aos enquadramentos sociais e culturais” (BENETTI, 2008, p.108).

5- Enquadramento jornalístico e seus efeitos no público leitor

As teorias sobre *enquadramento na mídia* são relativamente recentes – surgiram no fim do século XX – e foram desenvolvidas na tentativa de solucionar os embates gerados pela discussão em torno da objetividade e da subjetividade que permeiam a narração de um fato. Como afirma Mauro Porto (2003), “as limitações do ‘paradigma da objetividade’ têm sido cada vez mais reconhecidas e autores têm proposto conceitos, como o de enquadramento, como alternativa”. (PORTO, 2003, p.75)

A ideia de enquadramento surge, portanto, como uma forma de responder a questões não resolvidas até então pelas teorias do jornalismo e para “dinamizar perspectivas teóricas existentes, particularmente as pesquisas sobre a função de *agendamento da mídia* ou *agenda setting*” (idem). O agendamento explica como a mídia influencia os assuntos que entram na pauta de discussão do público leitor, já que os jornalistas determinam que fato é passível de se tornar notícia. No entanto, essa teoria não considera a forma com que esse fato é apresentado ou o enfoque dado à narrativa e, assim, desconsidera também a forma com que o acontecimento chega à audiência. Ou seja, enquanto o agendamento analisa “‘sobre o que’ o público pensa” e fala, pelo enquadramento, estuda-se “‘como’ o público pensa sobre estes temas” (PORTO, 2003, p.77)



As definições teóricas de enquadramento variam de autor para autor. Não existe, ainda, uma definição consensual para a teoria. Segundo Erving Goffman (1986), enquadramento é o que define o envolvimento das pessoas nos eventos sociais, ou seja, é construído socialmente a partir das experiências e bagagem individuais, e, por isso, influencia a forma com que se percebe os acontecimentos. Já a socióloga Gaye Tuchman (1978) defende que enquadramento é o instrumento que, por nortear a produção da notícia, constrói a realidade que é apresentada ao público leitor. No entanto, optou-se, aqui, pelo conceito de Todd Gitlin, mais adequado, nesta análise, à compreensão da obra de Henfil.

Desenvolvido na década de 1980, o conceito de Gitlin baseia-se na ideia de que o enquadramento utilizado por um sujeito é o que faz com que ele forme seu discurso a partir de “práticas específicas (seleção, ênfase, exclusão)” e organize “o mundo não só para os jornalistas, mas também ‘em um grau importante’, para a audiência” (GITLIN *apud* RUBIM, 2004, p.80-83). Ou seja, a forma como um determinado fato está presente em uma narrativa jornalística é fruto de um enquadramento singular e, a partir deste, influenciará a audiência de modo específico. Nas palavras de Gitlin (1980), “enquadramentos da mídia são padrões persistentes de cognição, interpretação e apresentação, de seleção, ênfase e exclusão, através dos quais os manipuladores de símbolos organizam o discurso, seja verbal ou visual, de forma rotineira” (GITLIN, 1980, p. 80).

A julgar por essa definição, a forma de ver e enquadrar a realidade ganha contornos mais concretos a partir daquilo que o jornalista inclui e exclui dessa realidade para compor o seu texto ou, no caso de Henfil, o seu desenho.

Nas histórias em quadrinhos produzidas por Henfil, foram abordados temas relativos à miséria e à desigualdade existentes no Brasil – dois assuntos pouco presentes no trabalho de outros cartunistas e jornalistas da época. Pelo modo com que esses problemas foram inseridos no conteúdo dos jornais, o enquadramento utilizado por Henfil – fundamentado na ênfase aos cenários de pobreza e, ao mesmo tempo, na apatia do cidadão brasileiro em relação a tais impasses – contribuiu para que esse quadro socioeconômico, que sintetiza todo um “estado de coisas” (invocando, aqui, uma expressão recorrente no âmbito das ciências sociais), fosse conhecido pela população.

6- A Turma da Caatinga e a abordagem da miséria

Os personagens que compõem *A turma da caatinga* representam, cada um, uma parcela da sociedade brasileira. *A Graúna*, inspirada no pássaro de mesmo nome muito comum na região nordeste do país, é um personagem de traços simples. “A maior parte do tempo permanecia séria e tihosa; se lhe dessem as costas, aprontava” (MORAES, 1997, p.143). Dos seus diálogos com os outros personagens, surgem reflexões sobre o analfabetismo, o voto universal, o feminismo, a atuação dos militares na sociedade, a censura, e, sobretudo, sobre a miséria no país. (ANEXO 1).

Já o cangaceiro *Capitão Zeferino*, inspirado no personagem *Corisco* – de Gláuber Rocha⁵, em *Deus e o diabo na terra do sol* – é o líder do “bando”. Ele simboliza a disposição guerrilheira em resistir à ditadura e representa o nordestino tradicional, que, através de sua relação com a *Graúna*, aborda temas como o estereótipo da figura masculina e o paradoxo com o então emergente movimento feminista.

Outro personagem é o *Bode Francisco Orelana*, que remete à elite intelectual brasileira, mais ligada às reflexões teóricas do que às ações práticas em si. *Orelana* é o personagem mais sábio da caatinga, e, por engolir – literalmente – os livros, explica aos demais a situação do Nordeste e do país como um todo.

Em conjunto, a turma denunciou as contradições socioeconômicas do Brasil ditatorial ao mostrar a situação controversa entre o Sudeste – o “Sul-Maravilha – e o Nordeste, que sofria ainda com a seca e a pobreza extremas e, mais que isso, simbolizava os problemas sociais presentes também em outras regiões do país. (ANEXO 2)

Zeferino, Graúna e Orelana reforçaram a artilharia contra as contradições sociais do país. Numa metáfora das desigualdades, o homem nordestino, afundado na seca e no esquecimento, contrapunha-se à classe média do sul-maravilha, próspera e perdulária. (...) O crítico Moacyr Cirne saudou com entusiasmo a série de Zeferino: “Depois da semente plantada por Henfil, com seus vibrantes personagens da caatinga, o quadrinho brasileiro não é mais o mesmo; com ele aprendemos a inventar voltados para a saga da nossa miséria social”. (MORAES, 1997, p.145 e 148)

Com seus quadrinhos, Henfil induziu a classe média brasileira, especialmente os intelectuais, a pensar cotidianamente no alto grau de desigualdade social que persistia no país. Os cartuns chamavam atenção para o problema e, principalmente, cobravam, da

⁵ Cineasta brasileiro nascido em 1939, em Vitória da Conquista (BA). Seus filmes fizeram sucesso em função da capacidade que possuíam de proporcionar novos espaços para a crítica social e, ao mesmo tempo, de abrir caminhos para a inovação na forma de se produzir cinema no Brasil. Glauber é um dos grandes nomes do Cinema Novo brasileiro.



sociedade e do governo, atitudes para que as contradições desse quadro socioeconômico fossem amenizadas. “Qual a sua renda *per capita*? Mexa-se!” (HENFIL, 1977, p.41)

Assim, Henfil fez com que os brasileiros conhecessem e tomassem consciência da realidade social problemática que afligia uma parcela significativa da população. Além disso, modificou a forma com que a imprensa abordava a miséria e a desigualdade social brasileiras, ao utilizar uma linguagem que humaniza essa situação – até então tratada friamente e ancorada em dados meramente numéricos. “Eu não entendo 120%, eu não conheço 120%, nenhum 120% é meu irmão, meu amigo, meu vizinho.” (HENFIL, 1984, p.102).

Por tudo isso, o trabalho de Henfil foi um instrumento capaz de inserir a miséria e a desigualdade social na pauta de discussão da classe média e das elites intelectuais brasileiras. Ou seja, transformou esse “estado de coisas” em um problema de conhecimento público. Considerando a concepção de *política pública* que orienta grande parte dos estudos no campo da gestão governamental – a de que as demandas apresentadas pela sociedade a partir de um *estado de coisas* só se transformam em *problemas políticos* quando de fato inseridos na pauta de ações do governo (RODRIGUES, 2004; RUA, 1998) –, é possível perceber ainda mais a importância dos esforços de Henfil. Na prática, ele contribuiu para alterar a percepção do público leitor acerca dos cenários de miséria e desigualdade que marcavam o país na década de 1970.

A desigualdade social brasileira é um problema estrutural e surgiu como consequência da tradição latifundiária do país. Ela está intimamente relacionada à atuação do Estado e ao grau de desenvolvimento de políticas públicas voltadas para a população pobre – ações que, na prática, refletem aquilo que um governo decide fazer ou não fazer diante de uma realidade (RODRIGUES, 2004; RUA, 1998), isto é, refletem a postura e as escolhas daqueles que governam. Assim, questionar a realidade socioeconômica brasileira é questionar a atuação do poder público e também a consciência e a atitude da elite brasileira em relação a essa atuação. Segundo alguns estudiosos, como Elisa Reis (2000), é fato que, no Brasil, “somente quando as elites viram vantagens na coletivização de soluções a problemas sociais é que o poder público tornou-se o agente natural na provisão de ‘bens de cidadania’ como educação, saúde e previdência” (REIS, 2000, p. 144).

Enquadrar a miséria e a desigualdade social no país, de forma significativa, é exercer um jornalismo de denúncia, um jornalismo que, voltado às causas cidadãs, questiona todo um descaso político histórico em relação à situação da parcela mais



pobre da população. Em tempos de regime ditatorial, trabalhar como jornalista desta forma, especialmente na década de 1970, como fez Henfil, era, também, enfrentar a censura política à imprensa e denunciar as mazelas de um governo autoritário e contraditório.

Nos quadrinhos, os personagens de Henfil chegam a dialogar diretamente com os principais agentes da ditadura, com destaque para os presidentes João Figueiredo e Ernesto Geisel, o chefe da Casa Civil, Golbery do Couto e Silva (**FIGURA 3**), e o ministro da Fazenda, Delfim Neto. Foi dessa forma que Henfil questionou, de modo irreverente, o descaso político com os problemas socioeconômicos brasileiros e, mais que isso, conseguiu demonstrar que esses problemas resultam das ações políticas, ou seja, que as decisões governamentais influenciam diretamente a vida do cidadão comum. Bom exemplo está nas histórias da *Turma da Caatinga*. Por meio delas, Henfil mostrou, por exemplo, como poderia ser a realidade do país sem o Ato Institucional nº5, o AI-5 e como o milagre econômico e a conseqüente dívida externa do país influenciaram a condição social dos brasileiros (**FIGURAS 4 E 5**).

A atuação de Henfil impressionou muitos dos seus colegas jornalistas, assim como vários artistas, intelectuais, estudiosos, pesquisadores e governantes. “Num encontro em Brasília, Golbery referiu-se a Henfil: ‘eu me impressiono com a análise fina que ele faz dos fatos políticos’” (CARTA *apud* MORAES, 1997, p. 241). Para o jornalista Humberto Pereira (2009), Henfil trabalhava de maneira a chamar a atenção das pessoas para a importância de algumas ações num momento específico e sofrido da história brasileira.

Ele vivia o tempo todo pensando no Brasil no qual ele vivia naquele momento. E aquele Brasil era o Brasil do exilado, o Brasil das viúvas, das mães cujos filhos estavam fora. Era o Brasil dos pobres do nordeste, era o Brasil dos metalúrgicos, era o Brasil do trabalhador, dos torturados. Enfim, ele deu pra gente, o tempo todo, aquele recado: estamos vivendo um momento importante da história desse país, dessa nação, e cada um de nós tem um papel. (PEREIRA, 2009)⁶

Além dessas referências aos governantes, é comum, nos quadrinhos de Henfil, o diálogo com o leitor. Essa prática trazia, também para a sociedade civil, a responsabilidade

⁶ **HENFIL PLURAL - Grandes personagens brasileiros.** Direção: Laine Milan. São Paulo: TVI, 2009. 1 vídeo-disco (52min), color.



pelos problemas que afligiam o país. Assim, o trabalho de Henfil contribuiu para modificar o contexto social brasileiro ao alterar a percepção que o próprio cidadão tinha desse contexto – não apenas em função dos efeitos da obra do cartunista sobre quem exercia o poder, mas também sobre o brasileiro de forma geral. Eram recorrentes, na seção *Fala Leitor!* das revistas *Fradim*, os depoimentos de leitores que foram sensibilizados pelos quadrinhos. Abaixo, alguns exemplos:

“Henfil, (...) O *Fradim* 18 foi veementemente discutido em mesas de bar, em salas de aula, em casas de um e de outro, por meus amigos e alunos.”⁷

“Henfil, (...) Mais uma vez felicito você pela luta que você tá tendo para não afundar, para sobreviver, a gente contribui do lado da gente, na fábrica, no bairro. A gente tá passando a revistinha e consultando o que o pessoal acha, incentivando a compra, a importância do assunto tratado, tudo isso ajuda a clarear a visão da gente. Às vezes uma mesma revista faz um longo percurso, pois a gente às vezes não tem grana pra comprar, ai a gente reveza, um compra um mês, outro compra noutro.”⁸

“Henfil, o seu trabalho desenhando as coisas da vida do povo é muito significativo. Isto se aprofunda na medida em que você vai ao povo, vive com ele e, como artista, sintetizou os seus sentimentos, as suas aspirações e também o seu humor. (...) José Milton – Presídio político de São Paulo”⁹.

Como destacam Kovach e Rosenstiel (2003), “a finalidade do jornalismo não é definida pela tecnologia, pelos jornalistas ou pelas técnicas utilizadas no dia a dia”, mais que isso, “os princípios e a finalidade do jornalismo são definidos por alguma coisa mais elementar – a função exercida pelas notícias na vida das pessoas”. (KOVACH; ROSENSTIEL, 2003, p.30). Desta forma, o diálogo direto dos quadrinhos de Henfil com o público leitor, por ter noticiado a desigualdade social brasileira, desempenhou a função de “apresentar o que é significativo de forma interessante e relevante” (idem).

Considerações Finais

⁷ HENFIL. *Coleção Henfil Fradim: mulher* (volume 20. Rio de Janeiro, CODECRI, 1976, p.46)

⁸ HENFIL. *Coleção Henfil Fradim: Tamos tocando o pau no governo* (volume 23. Rio de Janeiro, CODECRI, 1976).

⁹ HENFIL. *Coleção Henfil Fradim: O Hare Krishna que assola o Bode Orelana*. Volume 17. Rio de Janeiro, CODECRI, 1976.



Em uma de suas famosas “cartas da mãe”¹⁰, Henfil, entusiasmado, disse ter encontrado uma solução perfeita para os problemas brasileiros gerados pela difícil relação entre Estado e povo na década de 1970. Segundo ele, bastaria que se elegeesse um representante do povo e fazer “que nem faziam nas batalhas dos Contos de Mil e Uma Noites”: para poupar milhões de inocentes, apenas um indivíduo enfrentaria o líder do governo. Esse escolhido poderia ser “um pivete carioca, um peão mineiro, um office-boy paulista, um bóia-fria nordestino ou até um estudante catarinense” (HENFIL, 1975, p.188). Ao representante popular, caberia lutar pelas demandas sociais, pelos direitos à democracia, pelo fim da miséria e da desigualdade social. Esse indivíduo, “preparado, ágil e agressivo, poderia ser, se não fosse causar muito riso, um humorista” (idem). E, de fato, foi. Pela coragem de expor os problemas socioeconômicos que assolavam grande parte da população brasileira dos anos 70 e questionar o descaso público em relação a esses problemas, Henfil tornou-se a mão do povo que desenha¹¹, a voz de milhares de brasileiros que, transformados em *Graúmas*, *Zeferinos* e *Orelanas*, fizeram-se ouvir pelos donos do poder.

Ao ressaltar a importância da atuação de Henfil como jornalista na década de 1970, pretendeu-se, neste artigo, analisar a influência que o jornalismo possui na vida do cidadão comum – na condição de indivíduo e de membro de uma classe social. Por essa via, pretendeu-se, ainda, caracterizar a atividade jornalística como instrumento capaz de modificar parâmetros da realidade que a norteia, não através da denúncia por si só, mas da denúncia que acusa mazelas políticas e socioeconômicas, dando vida a uma atividade que vai além do simples ato de “tornar público”. Uma atividade que alcança o sujeito e os governos na esfera da reflexão, renovando o poder de pensar, de repensar e, a partir daí, de agir para alterar um “estado de coisas”.

Também a partir da análise do trabalho jornalístico de Henfil, buscou-se, ainda, identificar os processos de construção dos enquadramentos que orientam as narrativas jornalísticas, relacionando a formação e atuação do profissional jornalista à sua trajetória de vida. Mais que isso, pretendeu-se demonstrar o quanto esse enquadramento específico define o caráter do trabalho jornalístico. Afinal, a escolha daquilo que será enfatizado (e daquilo que será “omitido” ou “amenizado”) nas notícias relatadas por um veículo jornalístico é o que define a forma com que um fato chega a conhecimento

¹⁰ Cartas publicadas semanalmente na *Revista Isto é!* e lançadas no livro *Cartas da Mãe* em 1986, pela Record.

¹¹ Expressão utilizada pelo próprio Henfil ao se definir como jornalista.



público. E, já que todo e qualquer acontecimento traz em si seres humanos como agentes, essa definição está intrinsecamente relacionada à vida das pessoas.

Por tudo isso, ao analisar o cartum produzido por Henfil, buscou-se discutir a prática jornalística como atividade que interfere diretamente na sociedade, com destaque para sua complexidade e, ao mesmo tempo, para a ideia de responsabilidade social que permeia essa profissão. Por fim, identificou-se o potencial do jornalismo em seu ideal libertário: o de proporcionar ao cidadão a capacidade de se autogovernar e, desta forma, contribuir para a construção de uma sociedade menos desigual.

REFERÊNCIAS

BENETTI, Marcia. Análise do discurso em jornalismo: estudo de vozes e sentidos. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia (orgs). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008. p.107-122.

CIRNE, Moacy. Quadrinhos, memória e realidade textual. In: **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 27p. Porto Alegre. Disponível em: <http://galaxy.intercom.org.br:8180/dspace/bitstream/1904/18229/1/R1283-1.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2012.

D'ARAÚJO, Maria Celina; CASTRO, Celso (orgs.). **Ernesto Geisel**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1997. 508p.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Os estudos culturais. In: FRANÇA, Vera. HOHLFELDT, Antonio. MARTINO, Luiz (orgs). **Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008, p. 150-175.

GASPARI, Elio. **A ditadura envergonhada**. São Paulo: Companhia da Letras, 2002. 417p.

HENFIL PLURAL - Grandes personagens brasileiros. Direção: Laine Milan. São Paulo: TVI, 2009. 1 vídeo-disco (52min), color.

HENFIL. **Fradim: O Hare Krishna que assola o Bode Orelana**. Rio de Janeiro: CODECRI, 1976, 48p.

HENFIL. **Fradim: mulher**. Rio de Janeiro: CODECRI, 1976, 49p.

HENFIL. **Fradim: Tamos tocando o pau no governo**. Rio de Janeiro: CODECRI, 1976, 48p.

HENFIL. **Fradim: O dia em que o AI-5 acabou**. Rio de Janeiro: CODECRI, 1976, 50p.

HENFIL. **Fradim: o papo**. Rio de Janeiro: CODECRI, 1976, 48p.

HENFIL. **Fradim: Beijeiro esteve aqui**. Rio de Janeiro: CODECRI, 1976, 48p.

HENFIL. **Fradim: Crepúsculo do Mixo**. Rio de Janeiro: CODECRI, 1976, 49p.



- HENFIL. **Fradim: Controle da Natalidade na Caatinga**. Rio de Janeiro: CODECRI, 1976, 48p.
- HENFIL. **Diário de um cucaracha**. Rio de Janeiro: Record, 1988, 276p.
- HENFIL. **Cartas da Mãe**. Rio de Janeiro: Record, 1986, 225p.
- PINHEIRO, Neusa. Henfil, mais atual que nunca. **Caros Amigos**, nº59, 2002, p.30-37.
- TABAK, Israel. O repórter em ação. In: **Deu no jornal: o jornalismo impresso na era da internet**. São Paulo: Edições Loyola, 2002, p. 59-78.
- KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os Elementos do Jornalismo: o que os jornalistas devem saber e o público exigir**. São Paulo: Geração Editorial, 2003, 292p.
- MELO, Jose Marques de. **Jornalismo Opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. 3. ed. Campos de Jordão, Rio de Janeiro: Editora Mantiqueira, 2003, Cap. IV.
- MORAES, Denis de. **O rebelde do traço – A vida de Henfil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997, 564p.
- PATARRA, Judith. **Iara: reportagem biográfica**. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 1992, 521p.
- PEREIRA Junior, Luiz Costa. **A apuração da notícia: Métodos de investigação na imprensa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006, 171p.
- PIRES, Maria Conceição. **Graúna: um canto feminino de autocrítica**. In: Revista de História, São Paulo, 2008, 22 p. Disponível em: http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?pid=S0034-83092008000100009&script=sci_arttext
Acesso em: 17 ago. 2011.
- PORTO, Mauro P. Enquadramentos da Mídia e Política. In: RUBIM, A.A.C (Org.) **Comunicação e política: conceitos e abordagens**. Salvador: EDUFBA/UNESP, 2004, p. 74-104.
- REIS, Elisa P. **Percepções da elite sobre a pobreza e desigualdade**. In: Revista Brasileira de Ciências Sociais, 2000, 11 p. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v15n42/1742.pdf>
Acesso: 26 ago. 2011.
- RODRIGUES, Hila Bernardete Silva. **Políticas públicas e projetos para a juventude: uma análise comparativa de pressupostos e contextos institucionais de duas iniciativas**. 2004.105f. Dissertação (Mestrado em Administração Pública) – Escola de Governo, Fundação João Pinheiro, Belo Horizonte.
- RUA, Maria das Graças. Análise de políticas públicas: conceitos básicos. In: RUA, Maria das Graças; CARVALHO, Maria I. V. de. **O estudo da política: tópicos selecionados**. Brasília: Paralelo 15, 1998. p. 231-260.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais** / Tomaz Tadeu da Silva (org.), Stuart Hall, k. Woodward – Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, 133p.
- TEIXEIRA, Níncia C.R Borges; CORREA, Wyllian E. de Souza. Watchmen e o discurso distópico do “bem maior”. In: **Fênix – Revista de História e Estudos Culturais**, Paraná, 2009,



21p. Disponível em:

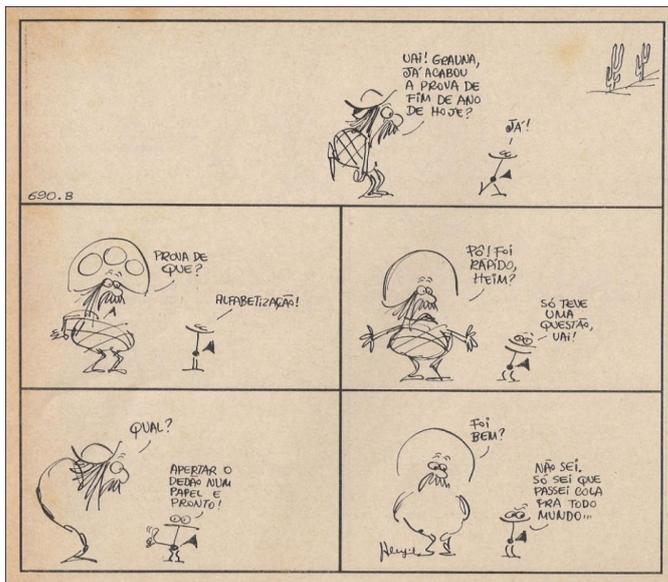
http://www.revistafenix.pro.br/PDF19/Artigo_02_Nincia_Cecilia_Ribas.pdf Acesso em: 14 ago.2011

VENTURA, Zuenir. 1968: **O ano que não terminou**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2008, 267p.

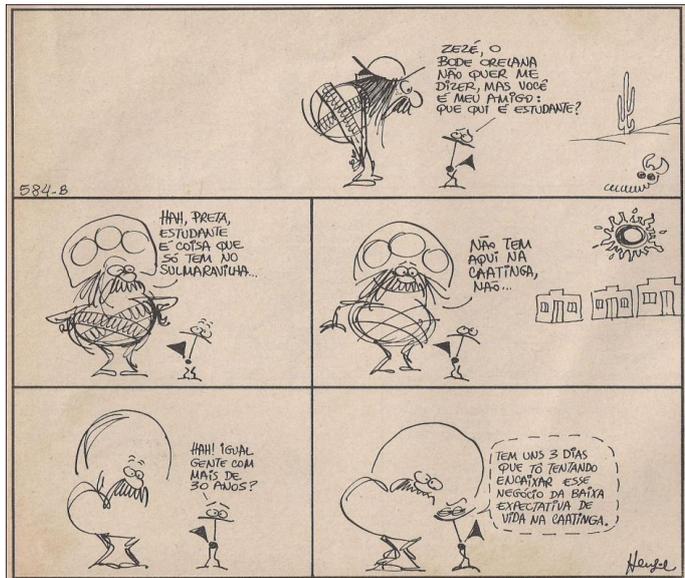
VENTURA, Zuenir. 1968: **O que fizemos de nós**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2008, 211p.

ANEXOS:

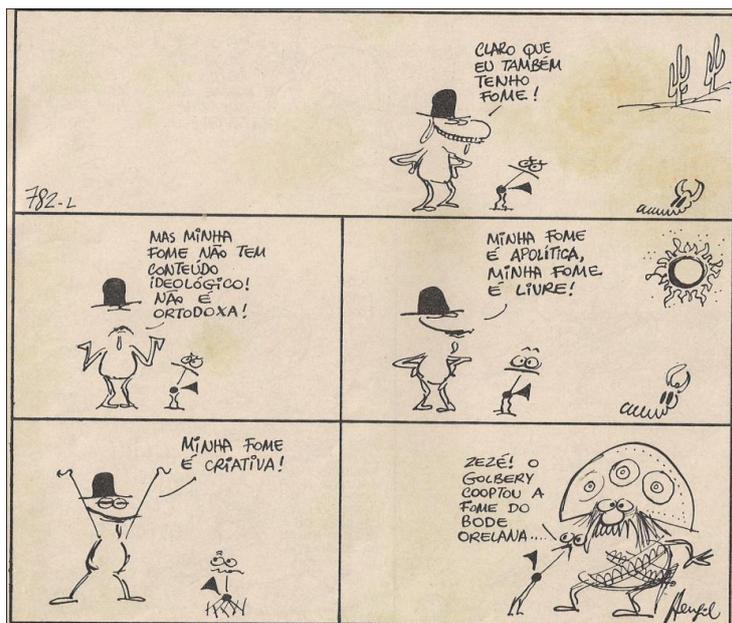
Anexo 1-



Anexo 2-



Anexo 3-



Anexo 4 -

